

Guerra entre editoras? Longe disso: apenas dois projectos paralelos e, por isso, não coincidentes. Em

França: a obra de Pessoa em simultâneo na 'Christian Bourgois' e em 'La Différence'

Vergílio de Lemos, em Paris

Intensa actividade editorial em França onde a literatura portuguesa merece uma atenção particular, ao lado da italiana, alemã e espanhola e onde as **Obras Completas** de Fernando Pessoa são o acontecimento literário maior desta temporada. A sua consagração internacional começa pela França com dois empreendimentos de grande mérito, duas

apostas «borgesianas», ambas louváveis, a de **Christian Bourgois** e a de **La Différence**.

Com efeito, no momento em que se comemora o centenário do nascimento de Fernando Pessoa, não somente um dos poetas mais surpreendentes da modernidade neste século XX, mas também prosador, crítico e filósofo de dimensão universal; no momento em que a França se mostra surpresa e ávida de um autor ignorado ou negligenciado, como dizia há dias Patrick Rechichian, do «Le Monde des Livres», e em que pequenos e grandes edito-

res se lançam na corrida pessoana, seja ela ou não concorrencial a nível de **marketing**, não podíamos deixar de dar a palavra a dois nomes que se têm imposto pelo rigor e entusiasmo ardente dos seus desafios: Christian Bourgois e Joaquim Vital. Outros se deverão suceder, como a Fundação Reyaumont (Rémy Hourcado, excelente tradutor de **A Tabacaria**) Éditions Unies, José Corti ou Fatta Morgana.

O Livro do Desassossego, um dos tomos da edição Christian Bourgois, grande surpresa, fi-

gura entre os **best-sellers** do «L'Express», mereceu as preferências do público. As polémicas também surgem em volta das opções dos editores, entre obras completas e mil **plaquettes** de Pessoa e seus heterónimos, à volta das traduções da prosa e poesia de Fernando Pessoa, Sá-Carneiro, Almada Negreiros ou Eugénio de Andrade (os tradutores de uns e outros, umas e outras obras completas, tentam envolver os jornalistas nessas guerras de capelinhas). Christian Bourgois que apostou em Tabucchi

romancista, vai publicar dentro de um mês para Avignon, duas peças de teatro inéditas de **A Tabacaria**, uma delas à volta de Pessoa. Ao mesmo tempo compra os direitos de obra de Lobo Antunes, inclusive o quinto romance ainda por escrever. Anne Marie Métaillé terá já adquirido os direitos dos últimos romances de Lídia Jorge, enquanto **La Différence** acaba de publicar dois romances de Mario Cláudio, **Amadeo** e **Guilhermina** e anuncia para Novembro **Rosa**. O que **pen-**

sam os romancistas portugue- ses modernos sobre o romance francês e causas do seu declínio e sobre a própria ficção portuguesa também será tema das entrevistas que se seguem conduzidas recentemente em Paris e Bordéus por Vergílio de Lemos de quem **La Différence**, acaba de publicar **Object à Trouver**, poemas das ilhas de Noirmoutier e Tbo. Nas duas entrevistas que a seguir publicamos procura-se dar uma ideia de como o caso Pessoa é lido e vivido por dois protagonistas de relevo na cena editorial francesa: Christian Bourgois e Joaquim Vital. ■

Ambicioso, dantesco, kamikase, o que se lhe queira chamar... Este é o projecto da editora «La Différence», de

Joaquim Vital: as Obras Completas em francês até ao ano 2009

Foi em Bordéus, desta vez durante a semana da literatura portuguesa organizada por Sylviane Sambor, Universidade de Paris III e livrarias e editores, que nos encontramos com o editor da La Différence, Joaquim Vital. Precisamente no dia em que La Différence lançou em França o 1.º volume — **Prosas** — das **Obras Completas** de Fernando Pessoa. Reunidas, anotadas e apresentadas por José Blanco, traduzidas do português por Simone Biberfeld, Dominique Touati e Joaquim Vital, 543 páginas, 159 francos. No momento em que Christian Bourgois lança os quatro tomos das **Obras de Pessoa**, em que investigadores «pessoanos», tradutores e críticos literários parecem interrogar-se sobre uma possível colisão entre os dois projectos, propício a um clima de guerra editorial entre duas iniciativas de objectivos bem diferentes, quisemos recolher a posição de Joaquim Vital.

Jornal de Letras — **Fernando Pessoa: Obras completas em mais de 20 volumes, que terminariam no ano 2009. Você já traduzira para o francês «O Banqueiro Anarquista», em 79, creio. De onde veio este projecto, esta aposta à primeira vista «magalómana»?**

Joaquim Vital — Como muitos projectos, anteriores. Este nasceu de uma certa forma de enervamento. O Pessoa, que é um enorme escritor, nasceu há cem anos, morreu há 53 anos, sobre ele há centenas de

livros, por centenas de pessoas através do mundo — mas não tinha o essencial. Quero dizer, as suas **Obras Completas**. O Fernando Pessoa de que os pessoanos falavam não correspondia ao prosador e poeta na sua globalidade. Só as **Obras Completas** poderão permitir às pessoas saber do que estão a falar. Por enquanto fala-se de uma coisa de que não se sabe bem do que se está a falar... Assim, durante as minhas inúmeras idas e vindas a Portugal, enervei-me muito ao ver especialistas de Fernando Pessoa e gente extremamente culta, dentro e fora do país, que escrevia coisas sobre o Pessoa e não ia ao fundo das coisas, começando por onde se deveria ter começado: a publicação das suas **Obras Completas**. Um projecto ambicioso, não digo que não... Estamos no centenário do seu nascimento e o 13 de Junho vai-se fazer à volta dele, ao que parece para o festejar como a um santo padroeiro: vai haver aviões a sobrevoar Lisboa e a lançar poemas dele pelo ar, balóezinhos, vai haver bailes populares, vai-se cantar o fado com Fernando Pessoa. Toda a gente recupera Pessoa de todas as maneiras, menos daquela que se impunha como fundamental, que é a publicação das suas **Obras Completas**. Ocorreu-me, pois, fazê-lo, a partir de uma certa forma de enervamento. Um projecto, convenhamos, completamente **kamikase**. Eu gosto dos projectos **kamikases** e tenho sobrevivido



Joaquim Vital: um projecto ambicioso

até à data, não vejo porque não vou sobreviver a este...

P. — **Há cerca de dois anos, a propósito do texto completo do «Fausto» Pessoa, entrevistei Teresa Sobral Cunha e Léglise Costa (ver «JL» de 20.07.87). Pude ver poemas inéditos de Pessoa fragmentos de uma rede que ora preciso tecer com rigor e amor, microfílm a fazer, trabalho para uma «passionaria», a que só a Teresa Rita Lopes e uma equipa desinteressada se poderia lançar. Robert Bréchon, especialista de Michaux e Pessoa, perguntava-me há pouco se haverá «revelações» efectivamente no espólio pessoano. Eu endosso-lhe a pergunta: há razão para se lançar**

num projecto de 20 ou mais volumes, financeiramente um risco?

R. — Há revoluções. Acabamos de obter a confirmação. Teresa Rita Lopes acaba de descobrir uma série de 50 poemas extremamente importantes. E publicou há duas semanas uma novela inédita, acabada, de Pessoa. Claro que o essencial da obra de Pessoa já saiu, nunca disse o contrário. Mas o que mantenho é que não existe uma edição em que todo esse essencial esteja reunido, anotado, etc. Há revelações no espólio, e são elas que nos vão permitir a publicação das **Obras Completas** de Fernando Pessoa.

P. — **Mas qual o significado desta aposta; desafio kafkaiano, cheio de labirintos e cantos escuros, aparentemente armadilhas, quando Christian Bourgois lança os primeiros quatro tomos de oito ou nove, que são o essencial de Fernando Pessoa? Poderá falar-se de duas edições?**

R. — Não. Não há duas edições das **Obras Completas**. Há uma excelente edição de Christian Bourgois que é uma antologia da obra de Pessoa em que aparece o essencial da sua obra e, por outro lado, o 1.º volume da nossa edição, que será a das **Obras Completas**, que vai conter o que se conhece já e toda a parte inédita. Assim, **Obras Completas** de Pessoa que não existem até à data em sítio nenhum do mundo, nem sequer em Portugal. O projecto da La

Différence como casa editora francesa — é aqui que vivo e trabalho e não em Portugal — melhor, o meu critério, foi o de começar pelos cinco primeiros volumes de textos publicados em vida do autor e os outros serão de obras póstumas. Reconheço que se trata de um empreendimento dantesco, gigante, em que nos lançamos sem subsídios de ninguém, nem do Instituto Português do Livro, nem da Calouste Gulbenkian nem do Centre National des Lettres em França, porque essas ajudas governamentais, e outras, já tinham sido dadas ao projecto menos ambicioso, mas extremamente interessante e louvável, do Christian Bourgois, cuja obra de editor e cujas opções nos seus programas revelam um editor fora do comum, com opções apaixonantes. O que não invalida a minha neste caso. A nossa edição vai ser uma edição de referência. E daqui a 20, 30 ou 40 anos será muito importante. Na fase actual estou extremamente contente, apesar do trabalho demoníaco e do investimento «selvagem» que representa este desafio.

P. — **Na vaga de dois monstros sagrados, como Fernando Pessoa e Miguel Torga, é a literatura moderna portuguesa que começa a ser revelada aos franceses, surpreendidos. Saramago, com a excelente tradução do «Memorial do Convento», Lídia Jorge com «Notícia da Cidade Silvestre» e «A Costa dos Murmúrios» para**

o ano, Agustina, Cardoso Pires, Fernando Namora com «Rio Triste» e Maria Judite do Carvalho, hoje mesmo Mário Cláudio com o segundo romance «Guilhermina» da sua trilogia — mas não haveria a ponte a estabelecer com os clássicos e menos clássicos?

R. — Vou publicar a «Peregrinação» de Fernão Mendes Pinto, a «História Trágico-Marítima», o Camilo Castelo Branco, as obras completas do Eça e, na poesia, Garrett, Antero de Quental e Camões. Estamos a fazer um esforço, estamos empenhados, mas não podemos ir mais longe. Caberá a outros editores que se interessam pela literatura portuguesa completar o trabalho.

P. — **Bordéus, jornadas literárias portuguesas de Sylviane Sambor em que não faltou o dinamismo de Claire Cayron em defesa de Torga ou de Sofia de Mello Breyner. Qual a sua importância para os romancistas e poetas portugueses?**

R. — É importante descentralizar. Até aqui, Paris foi o fulcro, a única cidade que falava de literatura portuguesa ou estrangeira. Em Bordéus foi uma surpresa, onde oito livrarias estão esta semana a funcionar muito bem em relação ao livro português — a recepção do próprio pessoal livreiro é excelente; uma experiência a renovar. Um verdadeiro laboratório experimental que prefigura as «Belles étrangères portuguesas» de Novembro, em Paris e na província. ■

Com o apoio de várias entidades oficiais e privadas, um grande editor francês vai lançar oito volumes daquele que considera um dos maiores escritores do século XX. Diz-nos

Christian Bourgois: "Não publico Pessoa completo porque... não existe em português"

Jornal de Letras — O que motiva a nossa conversa é Fernando Pessoa e quatro dos oito tomos que se propõe editar com o apoio do Centre National des Lettres: «Canção» poemas 1911-35, «Poemas esotéricos», «Mensagem», «O Marinheiro», «O Livro do Desassossego», de Bernardo Soares e as «Obras poéticas» de Álvaro Campos, edição dirigida por Robert Bréchon, do lado francês e Eduardo Prado Coelho, do lado português.

Você é alguém que publica os autores por quem se apaixonou, sem procurar fazer «marketing». E como, quando e porquê Fernando Pessoa?

Christian Bourgois — Terei a modéstia e a honestidade de dizer que não publico as obras completas, porque elas não existem em língua portuguesa. E é preciso que se saiba que, neste momento preciso, se prossegue a inventariação começada há mais de 30 anos, e que já se inventariaram 23 mil fragmentos. Há uns quinze dias soube que em Portugal se descobriu mais uma dezena de heterónimos que não se conheciam, uma novela inédita... pelo que, publicar Pessoa é uma empresa completamente «burguesa», ligada à biblioteca de Babel. O que tentei foi publicar o essencial. Melhor, aquilo que os meus amigos portugueses e franceses consideram essencial dado que não leio o português. Ao publicar de uma só vez estes quatro primeiros tomos, quis deixar bem vincado que para mim Fernando Pessoa é um dos mais singulares poetas do século XX...

P. — Porquê quatro tomos para começar?

R. — Inicialmente queria publicar uma obra só de Fernando Pessoa, sob o seu nome, e mais tarde os principais heterónimos como Reis, Álvaro de Campos, e Bernardo Soares. Foi uma ideia inicial do editor. Depois apercebi-me de que uma outra ordem podia ser adoptada, pelo que decidi publicar Pessoa poeta, Pessoa prosador, «O Livro do Desassossego», Álvaro de Campos e mais tarde publicaríamos Ricardo Reis e continuaríamos com Pessoa.

P. — Porque é que publicou Fernando Pessoa?

R. — Para mim, a edição é uma questão de encontros, de sedução, de «coup de coeur», de sugestões trazidas por uns e

outros. Foi uma mulher portuguesa, Joana Varela, quem me convenceu, pelo seu dinamismo, pela sua sedução e entusiasmo, que se impunha publicar Fernando Pessoa. Trata-se de alguém do Instituto do Livro que há quatro anos veio visitar os editores parisienses para os sensibilizar e estreitar os laços entre o Instituto Português do Livro e a direcção do Livro em França. Ela veio da parte do meu grande amigo Jean Cattegneau, que é o director do Centre National des Lettres, e apresentou-me um certo número de obras de autores portugueses. Do que ela me propôs retive o que me pareceu o mais difícil e impossível, porque se tratava de fazer traduzir centenas e centenas de páginas. Este nosso primeiro tiro representa mais de 1500 páginas de tradução. Obtive a ajuda do Centre National des Lettres que financiou estes quatro primeiros tomos, e continuará a fazê-lo nos tomos seguintes. E considero este projecto mais entusiasmante do que publicar tal ou tal romancista. Eu sabia pelo meu amigo francês, o poeta André Welter, que já publiquei, que Pessoa era um escritor de importância universal, um dos grandes deste século, alguém que conheci através das traduções de Armand Guibert e agora já o li e pratiquei, um escritor que podemos comparar, a nível da importância da obra, a um Kafka. Foi, pois, uma mistura de amor à primeira vista e intuição. Mais difícil do que supus, com uma dezena de tradutores. Fiz o que geralmente não podemos fazer, isto é, recorrer a um grupo de tradutores, pegar nos especialistas de uma língua e ao mesmo tempo em escritores, grupos de dois ou três e a partir da palavra por palavra, trabalhar o texto francês. Falei, por exemplo, com o José Blanco da Fundação Gulbenkian, considerado um dos melhores especialistas do Pessoa em Lisboa, que me diria que quanto à tradução, particularmente da «Mensagem», que a tradução de Léglise Costa e Michel Chandeigne são exemplares.

P. — Consideramos «O Livro do Desassossego», de Bernardo Soares, um livro essencial para se compreender Pessoa. Para se compreender Pessoa. Françoise Lay traduziu-o com a sua colaboração, creio! Que problemas de tradução maiores encontrou?

P. — A responsabilidade de todas as traduções coube a Robert Bréchon?

R. — Foi Robert Bréchon o editor desta empresa, da qual eu sou o realizador... Mas é Bréchon o responsável por este empreendimento, ele que é também especialista de Michaux. Robert Bréchon encontrou «intranquilidade» em Michaux e veio satisfeito, um dia, dizer-me: «Estamos cobertos». O problema levantado pela edição deste livro não será o mesmo que a edição de Pascal. O livro não existe, nunca existiu. São textos, fragmentos que foram escritos por Fernando Pessoa em prosa — e só mais tarde se soube que ele escrevia poesia. Creio que a edição em português deste «Livro do Desassossego» data de há seis anos, quando as primeiras edições da Atica, de poemas, datam dos anos 50. Foi uma descoberta para os próprios «pessoanos» portugueses: saber que Fernando Pessoa foi um grande prosador...

P. — Certamente conhece as edições espanhola e italiana, esta última de António Tattucchi. Ora, nas três edições há uma ordem de enumeração dos textos. E eu aceitei a proposta de Robert Bréchon e Françoise



Christian Bourgois: um «coup de coeur»

R. — Talvez tenhamos, reconheço-o agora, numa empresa extremamente ambiciosa, carecido de uma maior ambição. Mas traduzimos cerca de 1700 páginas, e não quisemos ultrapassar uma certa medida para não atingirmos preços de venda dissuasores. Apontam-se também o facto de não termos feito uma edição bilingue de poesia, o que faço quando publico obras menos importantes em volume, como Alain Ginsberg, Peter Handke, Paul Celan, Kandinsky ou Jean Christoph Bain; e tenho por política fazer edições bilingue, mas neste caso seria duplicar as despesas de impressão, duplicação de número de páginas... Essa foi a opção que fez o nosso colega de La Différence, nós fizemos a nossa.

P. — Para o grande público escolher entre os quatro tomos de Pessoa que a vossa editora publica é difícil e não é. Os franceses optam pela prosa, se tiverem de escolher...

R. — O «L'Express» desta semana revela que «O Livro do Desassossego» figura entre os best-sellers dos últimos quinze dias... Nunca fui editor de best-sellers, nunca figurei na lista de best-sellers do «L'Express», e ver Fernando Pessoa nessa lista agradou-me e fez-me rir...

P. — Poderá falar-se em guerra editorial em França à volta das obras completas de Fernando Pessoa? Questão de marketing ou de prestígio e glória para um editor? Christian Bourgois lança os primeiros quatro volumes de Pessoa e promete mais quatro, pelo menos, a Pléiade agita-se e La Différence lança há dias o 1.º volume das obras completas — Prosas — prometendo pelos menos mais 17 volumes, o último para

Lay de publicar o essencial desta obra. Mas os meus amigos da Callimard e da Coleção La Pléiade têm a intenção de publicar Fernando Pessoa a partir das traduções que utilizámos, mas têm a ambição e a intenção de traduzir todos os textos que Françoise Lay não traduziu. E só nesse momento poderemos fazer uma comparação.

P. — Dado que novos heterónimos, mas particularmente novos textos, têm sido descobertos ultimamente por investigadores de uma equipa dirigida por Teresa Rita Lopes, em Lisboa, por que não foram mais longe?

R. — Não conheço pessoalmente esse editor. Conheço o seu trabalho, que admiro, e sou sensível à qualidade de apresentação dos seus títulos... Ele tem, e digo-o muito modestamente, uma imensa superioridade em relação a mim: é o de estar ligado a Portugal desde sempre, de falar e ler o português, de ter por Portugal uma paixão pessoal (e nela está Pessoa, penso eu...). Assim, no seu caso, decidir publicar as obras de Pessoa não foi um «coup de coeur», como eu próprio tive por um escritor chinês como Tieng Zeng Fug, um dos maiores romancistas chineses modernos que escreveu «A Floresta Cercada». Direi que eu sou um editor com uma sociedade livre, com um só nome, que se abre sobre diferentes literaturas, apaixonei-me pela literatura americana contemporânea publiquei quase toda a beat generation, apaixonei-me pro Grombowicz, ou Junger... por Tabucchi...

P. — E por Lobo Antunes, como ele próprio me disse há dias em Bordéus?...

R. — Precisamente: Lobo Antunes, que considero o melhor romancista de momento na Europa, uma maneira de dizer, e o «Fado Alexandrino» como o grande romance que li nos últimos anos. Vou, pois, publicar «As naus» que acaba de sair em Portugal, dois outros já publicados e um quarto que ele ainda não escreveu. Aí, também para não deixar margem a outros grandes editores que o cobravam já, assinei um contrato com o Lobo Antunes, incluindo mesmo um livro que ele ainda não escreveu... Em suma, não entro de modo nenhum numa guerra sem sentido, imbecil, absurda. Eu nunca me encontrei com Vital. Mas vou dizer-lhe com um pequeno acento irónico que, quando ele declara que com os meus oito volumes que são 3 a 4000 páginas, abro simplesmente o apetite às pessoas, digo o que digo, como editor, que talvez o apetite das pessoas não fique mal saciado... Enquanto ele enfrenta muitos riscos porque quando falo da edição das obras completas não falo de uma antologia de textos e frag-

mentos ou pequenas plaquettes de Pessoa ou heterónimos, creio que foi La Différence que publicou «O Banqueiro Anarquista», traduzido pelo próprio Joaquim Vital...

P. — Mas o Christian Bourgois publica o essencial, visando a iniciação dos franceses.

R. — Sim. Publico o essencial da obra de Pessoa, mas o que há de melhor. Não se trata de fazer o que faz a revista «Lire», que pega num certo número de páginas de obras romancescas quaisquer, nós publicamos alguns milhares de páginas de Fernando Pessoa. E aqui pronuncio-me como editor: eu, no caso do Joaquim Vital — mas o problema é dele — teria publicado as Obras Completas de Pessoa em português e não em francês... O que há de apaixonante no nosso empreendimento é precisamente nunca se poder dizer que há obras completas, porque não são completas, e a edição que o Vital tem a intenção de publicar continua a não existir em língua portuguesa... Dado que o mercado em França é extremamente estreito eu pensei no mercado do Brasil e da África lusófona e num mercado mais largo, pois é o mercado de língua portuguesa... Porque aqui, o facto de ser best-seller do «L'Express» com «O Livro do Desassossego» nada quer dizer relativamente às Obras Completas. Devo ter vendido entre 5 mil a 5500 exemplares do «Livre de l'intranquilité» do qual editei cerca de 6 mil, com grande número de serviços de imprensa, e dos restantes editei entre 4 e 4500 exemplares. O primeiro vendeu-se em Itália a 20 mil exemplares, e espero atingir esse nível, mas nunca será um nível de dezenas de milhares de exemplares para cada. Nem eu nem La Différence estamos sentados em montanhas de ouro, que eu saiba... Um e outro empreendemos estas edições pela glória... Se elas se venderem, que os tradutores sejam convenientemente pagos, e que eu cubra os meus custos de fabrico, que se elevam a várias centenas de milhares de francos; para mim é imenso, é a primeira vez que me lanço num empreendimento tão ambicioso. Digo apenas que Joaquim Vital assume riscos consideráveis — mas o problema é dele — ao fazer esta edição em francês. Eu, no seu lugar, fá-la-ia em português...

mentos ou pequenas plaquettes de Pessoa ou heterónimos, creio que foi La Différence que publicou «O Banqueiro Anarquista», traduzido pelo próprio Joaquim Vital...

multiface
arte

GALERIA E BOUTIQUE
CENTRO COMERCIAL GEMINI
Rua Sousa Lopes, Lote R. S. Loja 65
Tel. 76 19 81 1600 LISBOA

EXPOSIÇÃO DE PINTURA
DE
ARTUR BUAL

EXPOSIÇÃO PERMANENTE
DE 7 DE JUNHO A 13 DE JULHO

de 2.ª a 6.ª das 10 h. às 19.30 h.
Sábados, Domingos e Feriados, das 12 h. às 19 h.